

DOAÇÃO E TRANSPLANTE DE ÓRGÃOS E TECIDOS: CONCEPÇÕES DE ADOLESCENTES ESCOLARES PELO USO DO PHOTOVOICE

Recebido em: 24/03/2023

Aceito em: 26/04/2023

DOI: 10.25110/arqsaude.v27i4.2023-005

Diego Raone Ferreira¹
Gabrieli Patrício Rissi²
Juliana Cristina de Oliveira Cassiano Silva Florindo³
Isaias Batista de Oliveira Junior⁴
Ieda Harumi Higarashi⁵

RESUMO: Este artigo objetivou compreender as concepções de adolescentes escolares sobre a doação e transplante de órgãos e tecidos. Trata-se de um estudo participativo, descritivo, de natureza qualitativa, desenvolvido com 60 adolescentes escolares do ensino médio da rede pública de ensino do Estado do Paraná. A coleta de dados foi realizada em julho de 2018, com auxílio da técnica *Photovoice*, e os dados foram analisados na óptica da análise de conteúdo de *Bardin*. Dos 60 adolescentes, 38 eram meninas (63,3%) e 22 eram meninos (36,7%), sendo a faixa etária dos 16 anos a prevalente (38,3%). Foram selecionadas nove imagens para compor o *corpus* fotográfico, que deram origem a quatro categorias: com a doação de órgãos existe uma certa união; um gesto de humildade que salva muitas vidas; ter a esperança de que no outro dia alguém pode vir e fazer uma doação e; a real importância de se formar doadores de órgãos. Constatou-se que promover a conscientização para doação e transplante de órgãos e tecidos, principalmente em grupos ativos na sociedade, como os adolescentes escolares, é fundamental para disseminação de informações seguras, construção de novos paradigmas e transformação de concepções e comportamentos.

PALAVRAS-CHAVE: Transplante de Órgãos; Obtenção de Órgãos; Adolescente; Fotografia.

ORGAN AND TISSUE DONATION AND TRANSPLANTATION: SCHOOL ADOLESCENTS' CONCEPTIONS THROUGH THE USE OF PHOTOVOICE

ABSTRACT: This article aimed to understand the conceptions of adolescent students about organ and tissue donation and transplantation. This is a participatory, descriptive, qualitative study, developed with 60 high school teenagers from public schools in the State of Paraná. Data collection was carried out in July 2018, with the aid of the Photovoice technique, and the data were analyzed from the perspective of *Bardin's* content analysis. Of the 60 adolescents, 38 were girls (63.3%) and 22 were boys (36.7%),

¹ Doutor em Enfermagem pela Universidade Estadual de Maringá (UEM).

E-mail: raonediego@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7633-2085>

² Doutoranda em Enfermagem pela Universidade Estadual de Maringá (UEM).

E-mail: gabrielirissi@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1702-4004>

³ Mestre em Enfermagem pela Universidade Estadual de Maringá (UEM).

E-mail: juliana_enfermeira@hotmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9546-8834>

⁴ Doutor em Educação pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP).

E-mail: jr_oliveira1979@hotmail.com ORCID: [0000-0002-9068-1983](https://orcid.org/0000-0002-9068-1983)

⁵ Doutora em Educação pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar).

E-mail: ieda1618@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4205-6841>

with the age group of 16 years being the most prevalent (38.3%). Nine images were selected to compose the photographic corpus, which gave rise to four categories: with organ donation there is a certain union; a gesture of humility that saves many lives; hope that the next day someone can come and make a donation and; the real importance of training organ donors. It was found that promoting awareness of organ and tissue donation and transplantation, especially in groups that are active in society, such as school adolescents, is essential for disseminating reliable information, building new paradigms and transforming concepts and behaviors.

KEYWORDS: Organ Transplantation; Obtaining Organs; Teenager; Photography.

DONACIÓN Y TRASPLANTE DE ÓRGANOS Y TEJIDOS: CONCEPCIONES DE ADOLESCENTES ESCOLARES MEDIANTE EL USO DE FOTOVOZ

RESUMEN: Este artículo tuvo como objetivo comprender las concepciones de los adolescentes escolares sobre la donación y el trasplante de órganos y tejidos. Se trata de un estudio participativo, descriptivo y cualitativo, desarrollado con 60 adolescentes de enseñanza media de escuelas públicas del Estado de Paraná. La recolección de datos se llevó a cabo en julio de 2018, con la ayuda de la técnica Photovoice, y los datos fueron analizados desde la perspectiva del análisis de contenido de Bardin. De los 60 adolescentes, 38 eran chicas (63,3%) y 22 eran chicos (36,7%), siendo el grupo de edad de 16 años el más prevalente (38,3%). Se seleccionaron nueve imágenes para componer el corpus fotográfico, que dieron lugar a cuatro categorías: con la donación de órganos hay una cierta unión; un gesto de humildad que salva muchas vidas; la esperanza de que al día siguiente alguien pueda venir a hacer una donación y; la importancia real de la formación de donantes de órganos. Se constató que la promoción de la concientización sobre la donación y el trasplante de órganos y tejidos, especialmente en grupos activos en la sociedad, como los adolescentes escolares, es fundamental para difundir informaciones confiables, construir nuevos paradigmas y transformar conceptos y comportamientos.

PALABRAS CLAVE: Trasplante de Órganos; Obtención de Órganos; Adolescente; Fotografía.

1. INTRODUÇÃO

O transplante de órgãos e tecidos é considerado uma alternativa de tratamento para os problemas crônicos de saúde que afetam capacidade e qualidade de vida das pessoas, aumentando sua expectativa de recuperação e cura. Desde a década de 60, período marcado pelo pioneirismo brasileiro na realização de transplantes, este processo tem conquistado avanços em sua efetivação com a implementação de técnicas cirúrgicas, aperfeiçoamento da manutenção do potencial doador e desenvolvimento de drogas imunossupressoras, que refletiram em um menor tempo de permanência em listas de espera e diminuição dos casos de rejeição e mortalidade em pessoas que esperam por um órgão (KNIHS, *et al.* 2019).

A sua concretização depende de um potencial doador e do consentimento familiar a doação, envolvidos em um momento de intensa dor e angústia, provocado pela

descontinuação inesperada de uma trajetória de vida. Apesar dos avanços obtidos, o número de potenciais doadores *versus* pessoas que ingressam na lista de transplantes ainda é discrepante, a cada ano. Essa manutenção insuficiente se esteia em situações específicas, dentre as quais, o não manifesto do potencial doador em vida, o desejo da família pelo corpo íntegro, as convicções religiosas e o desconhecimento sobre morte encefálica, podem potencializar a recusa familiar à doação (BARROS, *et al.* 2020).

No Brasil, a remoção de órgãos e tecidos para fins de transplantes é realizada somente com a autorização da família (preferencialmente com parentesco de primeiro grau), que decidirá concordar ou não com o desejo de seu ente (quando manifestado em vida), conforme determina a Lei 9.434 de 04 de fevereiro de 1997. Esse consentimento é obtido por meio da entrevista familiar, quando confirmada a morte encefálica e as condições clínicas forem favoráveis, permitindo transformar um potencial doador em doador efetivo. Em outros locais, se autodeclarar doadores de órgãos e a tramitação para o transplante podem acontecer de diferentes formas, de acordo com a legislação vigente de cada país (SANTOS, *et al.* 2019).

O país registrou 9.812 notificações de potenciais doadores, efetivando o total de 2.622 doações (26,72%), até o final de 2022. Os estados que mais se destacaram em notificações foram São Paulo (2.519), Paraná (878) e Rio de Janeiro (864), obtendo 720 (29%), 351 (40%) e 269 (31%) doações efetivas, respectivamente. Foram realizadas 5.470 entrevistas com familiares e 47% delas resultaram em recusa a doação, sendo a principal causa de não concretização. Nos estados do Paraná e Rio de Janeiro, as principais causas foram a recusa na entrevista familiar e a contraindicação médica. Apenas o estado de São Paulo obteve um número de não concretização devido a outros motivos (928) e recusa na entrevista familiar (502) (ABTO, 2022).

Não obstante, o referido ano foi encerrado com 52.682 pessoas ativas em lista de espera e os órgãos e tecidos mais esperados para doação foram rins (28.114), fígado (1.257), coração (330), pulmão (175), pâncreas (99), pâncreas e rins (312) e córneas (22.395). Os estados de São Paulo (19.473), Minas Gerais (6.017) e Rio de Janeiro (4.841) foram os que reuniram maior número de pessoas ativas em fila de espera, comparados as demais unidades federativas. No que se refere a pacientes pediátricos, 1.090 crianças aguardam pelo transplante de órgãos e tecidos como rim (336), fígado (70), coração (47), pulmão (8) e córneas (619), em todo território brasileiro (ABTO, 2022).

Tais índices por si só realçam a importância em difundir o tema doação e transplante de órgãos e tecidos na sociedade, principalmente entre pessoas jovens e ativas inseridas

em comunidade, com o propósito de preencher a carência de informações e agregar mais valor social ao processo. Apesar do Brasil dispor do maior programa público de transplantes do mundo, é possível aferir que o país ainda é falho quanto a disseminação de informações e conscientização popular sobre a doação, intensificando números insuficientes, altos índices de recusa familiar, disparidades entre regiões e fragilidades no processo (CORSI, *et al.* 2020).

Para Ferreira & Higarashi (2021) provocar discussões de modo que as pessoas se conscientizem, esclareçam suas dúvidas e desconstruam medos e incertezas sobre a doação e transplante de órgãos pode contribuir com melhorias no processo e transformar os números de potenciais doadores em doações concretizadas. Para alcançar este nível de efetividade, a temática por si própria tem de transcender o território hospitalar e se tornar pauta certa em ambientes como escolas, universidades e demais centros de convivência, considerados *locus* profícuo para superar os obstáculos da desinformação e do desconhecimento.

A disseminação de informações em ambientes frequentados por adolescentes possibilita o acesso a saúde, aprendizagem e a promoção do cuidado, com base em sua própria realidade e cultura. Apesar da generalização de alguns conteúdos, a doação e o transplante de órgãos e tecidos vêm se demonstrando pouco explorados por esta população, que tende a despertar interesse por assuntos típicos da idade, isto é, games, aplicativos, redes sociais e outros entretenimentos. Essa realidade precisa ser, aos poucos, mudada, visto que os adolescentes podem ser propagadores de saberes e práticas sobre o processo em diferentes grupos, na família e na comunidade como um todo, com o objetivo de sensibilizá-los acerca da importância da doação de órgãos (CORSI, *et al.* 2020).

Um dos contextos privilegiados para estimular comportamentos favoráveis a doação é o escolar. Além de auxiliar na construção da identidade e formação integral de crianças e adolescentes, a escola tem como princípio estimular a ética, a justiça e a benevolência entre seus partícipes, de forma intersetorial e articulada com outros setores, dentre os quais, destaca-se a Atenção Primária a Saúde (APS). Essa aliança permite que enfermeiros e demais profissionais desenvolvam ações de educação em saúde com foco na prevenção de doenças e agravos, cuidado e garantia à saúde e suporte aos profissionais de educação (OLIVEIRA, *et al.* 2018; FERREIRA, HIGARASHI, 2021).

Embora seja evidente a pouca atuação e o número limitado de pesquisas envolvendo a enfermagem e a educação básica, na prática, a atuação do enfermeiro no ambiente escolar demonstra-se fundamental e profícuo, não só pelo próprio ofício

educativo da profissão, mas, principalmente, pela sua habilidade em orientar e mobilizar pessoas a adotarem comportamentos saudáveis frente a promoção da saúde. Para maximizar a atuação desta categoria e a saúde do escolar, entende-se que é preciso fortalecer um trabalho em conjunto e inferir cada vez mais assuntos relacionados a saúde nas escolas, atendendo a objetivos e necessidades específicas desta população, em uma interlocução entre alunos, professores, gestores, agentes educacionais e profissionais da saúde.

Os entraves que tem prejudicado o processo no imaginário popular depreendem a relevância de intervir e inserir informações sistemáticas e assertiva entre grupos e conversas familiares, incentivadas por ações de educação para doação desenvolvidas com base no conhecimento prévio de suas concepções e das causas que podem interferir em sua efetivação, algumas delas reveladas no desenvolvimento deste estudo. Na ótica dos adolescentes, o tema doação e transplante de órgãos e tecidos faz-se necessário, tendo em vista que representam uma parcela da população capaz de refletir em doações efetivas, mesmo que a longo prazo. Além disso, em algum momento de suas vidas, eles poderão manifestar o desejo de serem doadores ou decidir sobre uma doação.

Deste modo, este estudo tem como objetivo compreender concepções de adolescentes escolares a respeito da doação e transplante de órgãos e tecidos.

2. METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa participativa, de natureza qualitativa, desenvolvida com suporte na técnica de recolha de dados *Photovoice*, proposta por Caroline Wang e Mary Ann Burris em 1997, a qual permitiu analisar por meio de imagens e falas os significados, crenças e valores manifestos nas experiências da vida diária de adolescentes escolares acerca do processo doação e transplante de órgãos e tecidos (GOMES, *et al.* 2022).

O *Photovoice* é uma técnica de investigação que dá voz ao que é sentido, vivenciado e compreendido pelo indivíduo ou coletivo acerca de um determinado problema ou fenômeno, por meio de imagens e narrativas. As fotografias possuem potencialidades que podem empoderar o sujeito, resgatar memórias internas e fomentar reflexões e concepções acerca de um determinado objeto e sociedade. Por se tratar de um instrumento que permite retratar ideias através da captura de cenas do cotidiano, além de acessar diferentes realidades e perspectivas, ele também permite sensibilizar os participantes sobre questões sociais e provocar mudanças (MEIRINHO, *et al.* 2015; GOMES, *et al.* 2022).

A coleta de dados foi realizada no primeiro semestre de 2018, em uma escola da rede pública de ensino da região Norte do Estado do Paraná, com 60 adolescentes escolares do ensino médio de três turmas distintas, eleitos pelo critério de frequentar regularmente as aulas, que foram divididos em nove grupos focais composto por seis ou sete participantes. Foi disponibilizado um local reservado da própria instituição escolar e o momento investigativo foi conduzido por um roteiro semiestruturado com questões disparadoras e provocativas que versavam sobre o tema central do estudo, como: (a) descreva a sua fotografia; (b) o que é que essa fotografia comunica? e; (c) o que essa fotografia nos diz acerca do tema escolhido? Também foi necessário introduzir outros questionamentos para que os adolescentes não se dispersassem da centralidade do tema.

Os participantes receberam a tarefa de explorar seu território escolar ou comunidade e capturar imagens que representassem o processo doação e transplante de órgãos e tecidos, em dispositivos móveis de uso pessoal, seguindo as orientações de: capturar uma fotografia por participante; prezar pela criatividade e originalidade; ser proibido registrar fotografias que contenham pessoas, estabelecimentos ou marcas, sem atender os preceitos ético-legais para sua obtenção.

Posteriormente, foi reservado um momento de aproximadamente 60 minutos para cada turma, para que os membros dos grupos focais pudessem apresentar suas fotografias. De início, os grupos tiveram um momento de exposição e debate sobre imagens obtidas entre os próprios membros, os quais selecionaram uma imagem para apresentação a turma que melhor representou o tema doação e transplante de órgãos e tecidos, consensualmente. Este processo foi desenvolvido com todos os grupos das três turmas participantes, da mesma forma.

As imagens escolhidas foram projetadas com auxílio de recursos audiovisuais e as narrativas obtidas por meio delas foram gravadas em dispositivo móvel e transcritas na íntegra, resultando em 10 páginas digitadas no Programa Microsoft Word®, em fonte *Times New Roman*, com espaçamento entrelinhas de 1,5. O *corpus* textual foi importado para o Programa QDA Miner®, versão 5.0.35, utilizado como recurso auxiliar de análise de conteúdo, modalidade proposta por Bardin, que se desdobrou-se seguintes etapas: pré-análise, escuta atenta e leitura flutuante do material; exploração, codificação minuciosa dos dados; e tratamento e interpretação dos resultados obtidos (BARDIN, 2016).

A participação dos adolescentes escolares aconteceu em um momento oportuno, designado pela pedagoga da escola, durante as aulas das disciplinas de Biologia e Filosofia, de modo a não causar infortúnios nas demais atividades escolares. Para

efetivação da investigação, foi solicitado o consentimento informado mediante a apresentação do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE), declarando a anuência do responsável legal e consentimento próprio a pesquisa pelos participantes.

O estudo atendeu todos os preceitos éticos-legais normativos previstos na Resolução 466 de 2012 do Conselho Nacional de Saúde (CNS), sendo aprovado pelo Comitê Permanente de Ética em Pesquisa envolvendo Seres Humanos (COPEP) da Universidade Estadual de Maringá (UEM), sob parecer 2.655.225 e CAAE 87692018.1.0000.0104, em 15 de maio de 2018.

3. RESULTADOS

Dos 60 adolescentes, 38 eram do sexo feminino (63,3%) e 22 do sexo masculino (36,7%). A idade variou de 14 a 18 anos, sendo os 16 anos a faixa etária mais predominante, com 23 participantes (38,3%), e apenas um participante com 18 anos (1,7%). Em relação a escolaridade, 25 adolescentes cursavam o segundo ano do ensino médio (41,7%), 19 estavam no primeiro ano (31,7%) e 16 no terceiro ano (26,6%). A maioria dos escolares, 37 participantes (61,7%), eram católicos, 20 eram evangélicos (33,3%) e 2 ateus (3,3%), somente um participante referiu não possuir religião (1,7%).

Foram produzidas 60 fotografias pelos adolescentes escolares, dentre as quais, uma foi eleita pelos grupos focais para representar a concepção coletiva sobre a doação e transplante de órgãos e tecidos, resultando em um *corpus* composto por nove imagens. As fotografias, como objeto de intervenção e recolha de dados, deram origem a quatro categorias de análise: com a doação de órgãos existe uma certa união; um gesto de humildade que salva muitas vidas; ter a esperança de que no outro dia alguém pode vir e fazer alguma doação; e a real importância de se formar doadores de órgãos. Das nove, oito serão apresentadas do decurso de cada categoria.

3.1 Com a doação de órgãos existe uma certa união

Os adolescentes escolares, em um momento de entusiasmo e distração, dispararam perguntas provocativas e equivocadas sobre a doação: - “*você vai pegar meus órgãos?*”, - “*você não vai me levar para aqueles países lá, Turquia né?*” (diário de campo). No decorrer das entrevistas, tais perguntas foram refutadas por sentimentos de empatia, solidariedade e otimismo, que realçaram não só o altruísmo desta população em contribuir com a vida de alguém, como também, desconstruíram medos e incertezas.

“[...] quando se fala em doação de órgãos, a primeira coisa que a gente pensa é em vida” (Adolescente 8).

“[...] você tá doando uma parte do seu corpo, é um ato de amor, né?” (Adolescente 2).

“[...] um gesto de humildade que salva muitas vidas e traz muita felicidade pra quem tá em volta” (Adolescente 10).

“[...] vai gerar uma nova vida, uma nova flor” (Adolescente 12).

“[...] doe órgãos, seja o sol para alguém” (Adolescente 23).

Tais questionamentos, mesmo que permeados de dúvidas e curiosidades, revelam o insuficiente número de informações que se tem na sociedade. A chegada no ambiente escolar permitiu perceber que introduzir o tema doação e transplante de órgãos e tecidos no cotidiano de pessoas que vivem fora do ambiente hospitalar pode desencadear diferentes reações e sentimentos, pois, seu contato prévio ou vivência com a realidade do processo ainda é pouca ou quase nula e corrobora com a falta de compreensão e negação à doação.

Figura 1: Amor e união entre as pessoas.



Se antes, tinha-se como hipótese encontrar pensamentos contrários sobre a doação, os depoimentos os contradisseram. Dentre os adolescentes escolares foi possível identificar manifestações de amor e união, inclusive, alguns deles, em conversas paralelas, referiram a possibilidade de doar de órgãos com expectativa, dizendo “*eu tenho até vontade de ser doadora, mas minha mãe não deixa*” (diário de campo); indicando o desejo de se tornarem doadores ou favoráveis a uma doação, em algum momento de suas vidas.

“[...] com a doação de órgãos existe uma certa união entre uma pessoa que quer doar para ajudar a outra. A pessoa que doou pode acender uma certa luz na vida da outra” (Adolescente 1).

“[...] além de uma relação entre duas pessoas, a doação de órgãos é um ato de amor, por isso que existe uma certa união entre as pessoas” (Adolescente 2).

Um aspecto importante a considerar é o fato de terem consciência da importância da doação e da dificuldade de encontrar potenciais doadores, um dos motivos que têm aumentado as filas de espera a cada ano. A doação de órgãos foi recebida com empatia pelos adolescentes escolares, que se colocaram no lugar do outro e demonstraram entender as necessidades de quem convive com a espera por um órgão e a incerteza do consentimento de um familiar.

“[...] além daquela pessoa que vai tá recebendo, vai ter todas aquelas outras pessoas que tá do outro lado, tipo, a família! Então, que a gente possa se cultivar e se doar ao próximo, porque é um gesto de humildade” (Adolescente 8).

“[...] doação de órgãos é uma coisa tão importante porque pode ser que você que precise daqui alguns anos, você tem que pensar no futuro. Da mesma forma que outra pessoa que você nem conhece, que você nunca viu na vida precise. Pode ser que a pessoa que você mais ame em sua vida que precise e não conseguir encontrar. É a pessoa que você vai perder, aí eu acho muito importante você pensar bem nisso” (Adolescente 9).

“[...] para poder pelo menos salvar uma pessoa, para ajudar uma pessoa a ter a sua vida normal de novo” (Adolescente 1).

Figura 2: Se cultivar e se doar.



Nesta categoria foi possível compreender que os adolescentes escolares possuem uma concepção de amor e união a respeito da doação de órgãos, e se declinam de posicionamentos contrários e desfavoráveis, uma vez que referiram ao ato como uma possibilidade de ajuda ao próximo e salvação. Além disso, eles também exercitaram a capacidade da empatia, se imaginaram no lugar do outro, e reconheceram que em algum momento podem estar susceptíveis a tais circunstâncias.

3.2 Um gesto de humildade que salva muitas vidas

A doação de órgãos e tecidos envolve uma série de incertezas, que refletem na vida daqueles que convivem com a espera e seus familiares. Mesmo com possíveis obstáculos, a possibilidade de salvar vidas com a efetivação do transplante foi expressa

pelos adolescentes escolares que, outrossim, atribuíram a doação o significado de benevolência, de humildade e de solidariedade ao próximo, conforme depoimentos:

“[...] você doa um órgão e o outro pega, ele tá renovado. É um gesto simples, são dois gestos simples que salvam vidas. É o princípio da vida!” (Adolescente 18).

“[...] pequenas ações que podem salvar uma vida, beber água, pequena ação, salva! Doação de órgãos, pequena ação, salva!” (Adolescente 20).

“[...] a mãe dela... ela parou a vida dela para salvar o avô dela, então é como as pessoas têm que ter consciência de que quando a vida delas parar, elas podem salvar outras vidas” (Adolescente 32).

Figura 3: A água representa a doação.



Outra concepção associada a atitude de salvar vidas foi a de renascimento, já que na perspectiva dos adolescentes escolares, com a doação e transplante de órgãos e tecidos tem-se a oportunidade de viver novamente, de contribuir positivamente com a vida de alguém e possibilitar uma segunda chance para pessoa viver.

“Uma pessoa doando órgão para outra, é tipo uma pessoa nascendo novamente” (Adolescente 3).

“[...] em certas estações do ano o sol é extremamente necessário para que algumas flores brotem, como em outras estações elas morrem. A doação de órgãos é igual a isso, em certas estações a gente não tem e na outra estação a gente tá esperando o sol para brotar. Uma nova chance pra fazer aquilo lá renascer” (Adolescente 25).

“[...] muitas vezes uma doação de órgãos salva uma vida e até talvez tire, porque se não doar, né? Aí, tipo assim, a água representa a doação e as plantas no caso é o corpo da pessoa que vai receber a doação. Se não tivesse a água, as plantas não teriam essa vegetação toda, né?” (Adolescente 35).

Figura 4: Esperando o sol para brotar.



Os depoimentos desta categoria mostraram que os adolescentes escolares têm em si um comportamento altruísta sobre a doação de órgãos e tecidos, a qual possibilita compreender o processo como uma alternativa de recuperação do estado de saúde, melhoria da qualidade de vida e de renascimento tanto para o doador quanto para o receptor.

3.3 Ter a esperança de que no outro dia alguém pode vir e fazer alguma doação

Junto ao desejo de ver o outro bem e salvar vidas, os adolescentes atribuíram a doação de órgãos sentimentos de otimismo e esperança, revelando que a concretização do transplante pode fazer com que as pessoas que anseiam por um órgão vençam sentimentos de desesperança, desamparo e o medo de enfrentar as adversidades da vida.

“[...] pode parecer que o seu sol tá indo embora, é só você ter esperança que no outro dia alguém pode vir e fazer alguma doação ou algo assim, e o seu sol nascer de novo” (Adolescente 11).

“Às vezes uma pessoa que precisa de órgãos [...] ela tá esperando o sol dela, como uma esperança dela. [...] a pessoa precisa de um rim, o doador é o sol dela, a esperança dela é que vai fazer ela ficar viva. Às vezes um rim não faz falta, vivemos sem um rim, qual é o problema de doar para uma pessoa que não tem? Nenhum!” (Adolescente 24).

Se a espera pelo transplante pode interferir na qualidade de vida das pessoas devido a restrição social e a incapacidade de aproveitar determinados momentos, para os adolescentes escolares, receber um órgão representa a esperança para estes indivíduos reviver novos momentos e não perder o prazer pela vida e por coisas básicas da existência humana, como apreciar paisagens de uma árvore bonita ou um pôr do sol. Tais colocações ficaram evidentes nas seguintes falas:

“[...] nós tiramos fotos de paisagens mostrando que algumas pessoas dariam tudo para estar vendo aquilo ao vivo e estão em um leito de hospital esperando um órgão, né? E não podem sair de lá para ver aquilo ao vivo. É uma coisa simples, tipo um pôr do sol ou uma árvore bonita” (Adolescente 31).

“[...] o que seria da gente sem o sol? A humanidade não iria existir, não teria estações, plantas e animais. E o sol, ele dá uma chance pra gente viver, né? Assim como a doação de órgãos, você dá a chance para pessoa viver” (Adolescente 22).

“[...] a água, ela dá vida as plantas, e isso lembra que quando uma pessoa doa um órgão, ela tá dando uma vida melhor para outra pessoa” (Adolescente 34).

Figura 5: Um pôr do sol.



O discernimento dos adolescentes escolares em reconhecer o princípio da beneficência denota um valor social a doação e transplante de órgãos e tecidos, com o propósito de amenizar sofrimentos, conceder uma nova oportunidade e fazer com que estas pessoas deem continuidade em suas vidas, ressignificando a interrupção e a história de outras vidas, conforme narrativa dos escolares:

“[...] você vai doar o órgão para alguém e a vida dela vai continuar, vai seguir. Porque você fez aquela doação pra ela... se você não doasse não ia continuar a vida dela... você fez uma coisa boa!” (Adolescente 5).

“[...] ela vai tá caminhando sempre em frente” (Adolescente 6).

“[...] quando uma pessoa receber um órgão que é doado, ela vai seguir em frente coma vida dela” (Adolescente 7).

Figura 6: Seguir em frente.



Os resultados permitem a reflexão de que, apesar da visão negativa de morte e da mutilação e perda de uma parte do corpo, em uma época de valorização desmedida da imagem e forma corporal, os adolescentes escolares demonstraram concordar com a doação pelo seu toque de solidariedade, tendo em mente a possibilidade de reduzir o tempo de sofrimento, aumentar a sobrevivência e a esperança de dar uma nova vida a quem convive com a espera.

3.4 A real importância de se formar doadores de órgãos

As dúvidas e opiniões dos adolescentes escolares sobre a doação de órgãos envolvem diferentes saberes, provenientes da literatura especializada ou da própria experiência de vida e influência do meio em que vivem. Dentre os grupos investigados, a maior parte dos participantes informou não conhecer o processo e tampouco receberam informações ou divulgações sobre, uma parcela mínima referiu ter conhecido a doação através de doação de sangue e somente um aluno expôs ter vivenciado o processo diante da morte de um ente de convívio.

Esses mesmos adolescentes manifestaram dúvidas sobre critérios básicos do processo, como a forma correta para consentir à doação, quando indagaram: *“professor, não tem nenhum termo que deixa assinado autorizando a doação?”* (diário de campo); que podem resultar em informações insuficiente e equivocadas, poucas conversas sobre a possibilidade de doar órgãos entre familiares e na inobservância do desejo de se declararem doadores de órgãos. Alguns deles acreditavam que, para ser um doador de órgãos, seria necessário registrar o desejo em documento.

As falas que se seguem mostraram que o tema doação e transplante de órgãos e tecidos carece de discussões afundas na sociedade e comunidade escolar, tendo como consequência, um possível aumento de mitos, tabus e incertezas sobre o processo. Não obstante, apreendeu-se também que a escola se constitui como ambiente profícuo para o debate e aprendizado, disseminação de informações e formação de indivíduos mais conscientizados.

“[...] se tivesse mais momentos como este, talvez traria mais consciência e despertasse a real importância de formar doadores de órgãos” (Adolescente 15).

“[...] eu nunca tinha pensado em doar órgãos, até um dia, os piá perguntaram pra mim se eu queria, né? Eu nunca tinha pensado nisso. - Ele falou que não! [respondeu o amigo]. Eu falei: ah, não sei! Eu nunca tinha pensado sobre o assunto, mas agora...” (Adolescente 26).

Figura 7: Conscientização.



A priori, essa carência de informações já tinha sido reconhecida pelos adolescentes escolares previamente a intervenção, quando questionaram: *“vocês fazem alguma palestra sobre doação de órgãos?”* (diário de campo); destacando, em sequência,

a necessidade de falar mais sobre o assunto na comunidade e desenvolver ações de educação em saúde, como palestras, rodas de conversa, dentre outras, no sentido de desconstruir visões reducionistas e sensibilizar a sociedade acerca da importância da doação e transplante de órgãos e tecidos.

“[...] eu já quis doar, mas nem sei como faz a papelada, sabe? Deveria ter um espaço mais dedicado a isso, pra dar mais qualidade ao negócio (Adolescente 16).

“[...] as vezes as pessoas só doam órgãos quando é com a pessoa, um familiar deles. Daí eles veem a necessidade de doar um órgão. Por exemplo, se for qualquer um, que nunca tinha visto, acham que não é importante, só porque não conhecem” (Adolescente 27).

“[...] é por isso que eles precisam se conscientizar, porque o sol é para todos!” (Adolescente 28).

Figura 8: O sol é para todos.



Os achados desta categoria foram reveladores e mostraram que os adolescentes escolares não só identificaram as fragilidades na divulgação do tema doação e transplante de órgãos e tecidos, como também, foram capazes de reconhecer potencialidades próprias da idade e da escola em esclarecer dúvidas, multiplicar informações seguras e tornar os indivíduos mais instruídos e conscientizados. Inclusive, a própria pesquisa foi destacada pelos participantes como uma intervenção de educação para doação de órgãos.

4. DISCUSSÃO

As dúvidas e incertezas manifestadas pelos adolescentes mediante o tema doação e transplante de órgãos e tecidos, que insinuaram o sequestro e tráfico ilegal de órgãos humanos, foram transformadas em sentimentos de união, amor ao próximo, esperança e renascimento. A decisão pela doação de órgãos e tecidos representa um ato de solidariedade dos familiares enlutados, que envolve princípios éticos, morais e religiosos, em benefício a outrem. Tais sentimentos corroboram a possibilidade de ressignificar o processo de morte e a continuidade da vida com a doação (MONTEIRO, *et al.* 2011).

A reprodução de mitos em torno da doação e transplante de órgãos e tecidos, como a descrença a morte encefálica ao visualizar os traços vitais emitidos pelos monitores e a falta de investimentos à sobrevivência para a captação de órgãos, permeiam na sociedade e podem interferir na concepção das pessoas sobre o processo. Certamente, estes pensamentos predominam porque as ações educativas ainda não conseguem atingir todas as camadas da sociedade e acabam aumentando ainda mais a escassez de conhecimento e os poucos momentos de debate na comunidade sobre o tema (CORSI, *et al.* 2020).

Os próprios adolescentes reconheceram em suas falas a carência de informações a respeito do processo doação e transplante de órgãos e tecidos, sobretudo no próprio ambiente escolar, o que corrobora com sua invisibilidade e números insuficientes de doadores. Deste modo, para dar mais visibilidade ao processo na sociedade, acredita-se que momentos educativos pró-doação nesta comunidade são fundamentais para a formação de indivíduos conscientizados e capazes de disseminar informações em outros ambientes, considerando, também, que os adolescentes podem manifestar reações subjetivas a doação devido à reflexos das mudanças biopsicossociais em seus comportamentos (FERREIRA, HIGARASHI, 2021).

Para suprir a demanda pela procura de órgãos e estimular o posicionamento das pessoas à doação, é indispensável que as informações cheguem à sociedade de maneira correta e segura, principalmente quando relacionadas a questões mais complexas que envolvem o processo, como a definição da morte encefálica. As causas multifatoriais que podem influenciar no consentimento a doação, como o medo da mutilação do corpo e o desconhecimento do desejo em vida, reforçam a necessidade de esclarecer dúvidas por intermédio da educação para doação, tendo como propósito estimular o pensamento crítico e reflexivo das pessoas, construir novas concepções e transformar comportamentos (MONTEIRO, *et al.* 2011; NOGUEIRA, *et al.* 2016).

Os adolescentes escolares investigados, enquanto parte de uma população tecnologicamente ativa e produtiva de intervenções, demonstraram acolhedores e favoráveis a doação e ao transplante de órgãos e tecidos. A atuação da saúde junto à escola é de extrema importância para adoção de comportamentos saudáveis e conscientes, mesmo que alguns temas ainda se apresentem tão breves e simplistas em suas atividades, devido a nítida propensão do sistema em incorporar tópicos como higiene, sexualidade e doenças epidemiológicas em seu contexto. Em contrapartida, a escola se revelou como *locus* profícuo a causa da doação (NOGUEIRA, *et al.* 2016; LIRA, *et al.* 2018).

É esperado que processo de escolarização de crianças e adolescentes contemple conteúdos que vão além do currículo e da rotina escolar, em projetos interdisciplinares e atividades extracurriculares, de modo a despertar o interesse e a participação ativa dos estudantes. O incremento de tópicos transversais no currículo da educação básica brasileira é previsto pelo Parâmetros Curriculares Nacionais, pois, para o estudante, é fundamental “conhecer e cuidar do próprio corpo, valorizando e adotando hábitos saudáveis como um dos aspectos básicos da qualidade de vida e agindo com responsabilidade em relação à sua saúde e à saúde coletiva (BRASIL, 1998, s/p; ATALIBA, *et al.* 2018).

Apesar dessa realidade não alcançar a maioria das escolas e algumas se posicionem de forma imparcial as questões de saúde, é nítida que as práticas educativas em prol da saúde nos espaços de formação têm se revelado positivas. No que se refere a doação e transplante de órgãos e tecidos, acredita-se que implementar ações educativas possibilita aos adolescentes escolares entender como o processo se desenvolve, compreender a condição de vida daqueles que se encontram em fila de espera, ressignificar a vida e a finitude humana, além da mobilização social. A escola precisa ser compreendida como local de promoção da saúde e prevenção de doenças, de atuação intersetorial e articulada, que estimula os escolares a debaterem sobre as condições de vida e a refletirem entre si (ATALIBA, *et al.* 2018; CORSI, *et al.* 2020).

O fato de os adolescentes referirem as intervenções de educação para doação com desconhecimento e dúvidas reforça o quão escassas elas estão na sociedade e na comunidade escolar. A proposta da transversalidade do currículo e a escola como espaço de construção da cidadania privilegiado para garantia do direito a saúde inspira o desenvolvimento de diferentes estratégias para atingir um público diverso, dentre as quais, destaca-se as atividades lúdicas, palestras, rodas de conversa, oficinas e seminários, exposição de trabalhos e a utilização de tecnologias. Com a efetivação de ações

educativas, é possível desconstruir imagens negativas, amparar situações dolorosas de uma morte inesperada e transformar concepções e comportamentos a respeito do processo (LIRA, *et al.* 2018; CORSI, *et al.* 2020).

A relação do aluno com a escola e a comunidade se estabelece em dois aspectos indissociáveis: o educar e o cuidar. Considerando a influência da escola nas mudanças comportamentais e sociais do aluno, há de ser considerar a participação do enfermeiro frente a implementação de atividades que estimulem a saúde, por meio de uma atuação participativa e transformadora, que trazem à tona os princípios do bem-estar, da solidariedade, da cidadania e do respeito. A profissão, por si só, cada vez mais vem sendo defendida dentro dos espaços de formação, não só pelo conhecimento teórico e científico, mas, sobretudo, devido a essência educativa e as habilidades de promover o cuidado à saúde que possui (ATALIBA, *et al.* 2018; OLIVEIRA, *et al.* 2018).

Outro aspecto importante a considerar é o poder que as informações e os veículos de comunicação detêm sobre as pessoas e a possibilidade de serem utilizados como incentivo a causa da doação. Todavia, ao mesmo tempo que podem propagá-la como um ato de nobreza e solidariedade na comunidade, também são capazes de desencadear uma série de dúvidas e incertezas, uma vez que a indústria cultural as tem produzido equivocadas e distorcidas. Essa realidade pode ser observada em grande parte dos filmes que aborda o assunto, dentre os quais retratam com veemência o tráfico e antecipação da morte, influenciando negativamente a concepção popular (NOGUEIRA, *et al.* 2016; PEREIRA, *et al.* 2020).

Contudo, pode-se acreditar que, ainda que a escola estimule o exercício da ética e benevolência à vida, a doação e o transplante de órgãos e tecidos neste segmento pode provocar diferentes pensamentos, em detrimento da coletividade e subjetividade de cada um, mesmo que concepções consoantes ao processo tenham sido manifestadas pelos adolescentes escolares. De alguma maneira, os resultados obtidos são suficientes para acionar uma rede de conscientização e oferecer subsídios para implementação de intervenções, considerando os interesses individuais e o que pode ser esclarecido, disseminado e convertido em potenciais benefícios para a sociedade, que contribuam com a sua efetivação (LIRA, *et al.* 2018; FERREIRA, HIGARASHI, 2021).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os achados da investigação permitiram o alcance do objetivo de estudo, qual seja, o de compreender as concepções de adolescentes escolares sobre doação e transplante de

órgãos e tecidos. Ademais, foi possível constatar que os sentimentos iniciais de dúvidas, incertezas e medo, alguns relacionados à antecipação da morte e prática ilegal do tráfico, foram substituídos pelo princípio da benevolência: amor e doação ao próximo, solidariedade, desejo de ajudar e fazer o bem; pelos próprios adolescentes escolares em relação à doação. Outrossim, evidenciou-se que informações equivocadas podem interferir diretamente na representação popular sobre a doação, inclusive na manifestação do desejo em se declarar futuros doadores ou no consentimento a uma doação, o que mostra que intervenções devem ser imediatas para minimizar tais efeitos.

Embora os resultados tenham apontado a escola como um espaço adequado para intervenções voltadas à formação cidadã e à aquisição da autonomia na vida e na saúde, há de se considerar algumas limitações que requerem atenção especial, como a falta de espaços dialógicos para trabalhar conteúdos que não aqueles estabelecidos na matriz curricular, resistência e/ou dificuldade para que se contemplem conteúdos em saúde dentro do calendário escolar, bem como para a escolha de metodologias alternativas e participativas para desenvolvê-los. Apesar disso, a escolha pelo ambiente escolar para o desenvolvimento desta pesquisa participativa, permitiu reconhecer que a promoção de momentos de debate e aprendizagem sobre a doação de órgãos e tecidos entre adolescentes escolares tem potencial para romper obstáculos, desconstruir mitos e tabus e disseminá-la em outros contextos, e não os convencer ou induzir a concordarem com tal prática. Tais achados, por si só, representam um importante retorno social do estudo, demonstrando o potencial transformador na pesquisa participativa e interventiva neste cenário.

O emprego de métodos e abordagens participativas para trabalhar o tema doação e transplante de órgãos e tecidos entre os adolescentes demonstrou-se profícuo em despertar o interesse dos adolescentes escolares para rápida e espontânea participação, melhorar a compreensão de seus próprios sentimentos, trocar experiências no âmbito coletivo e transformar seus comportamentos. Neste sentido, para além do propósito de produção de dados, o *Photovoice* revelou-se como um importante recurso para empoderar grupos marginalizados, fortalecer momentos de aprendizagem, reconstruir conceitos e, como no caso dos adolescentes escolares, encorajar seus posicionamentos.

O estudo oferece contribuições em conscientizar os adolescentes escolares a respeito da doação de órgãos e tecidos e mostrar os caminhos para o desenvolvimento de intervenções sobre o tema na comunidade escolar. Ademais, os resultados obtidos revelaram que envolver a comunidade escolar; valorizar os princípios éticos, morais e da

benevolência; utilizar métodos ativos que estimulem a participação; ajustar as atividades pedagógicas e o conteúdo escolar ao tema; e estimular os escolares e se posicionarem e multiplicarem informações; são condições que melhoram positivamente a concepção das pessoas e favorecem a concretização da doação.

Como limitações, ressalta-se que o presente estudo foi desenvolvido em apenas uma instituição escolar, e com um universo amostral representativo dos adolescentes escolares. Outros aspectos, como a observância rigorosa de todos os aspectos regulatórios para o desenvolvimento de pesquisas no ambiente escolar e com adolescentes, podem acarretar um número reduzido de participantes. Nesta perspectiva, e reconhecendo a importância de abordar e disseminar a temática da doação de órgãos na comunidade escolar, como nascedouro de práticas, conhecimentos e valores norteadores da sociedade, sugere-se a replicação ou condução de novos estudos desta natureza em outras realidades e envolvendo outros atores sociais, como por exemplo, em escolas privadas e com gestores, professores e agentes educacionais.

REFERÊNCIAS

ABTO. Associação Brasileira de Transplante de Órgãos. **Registro brasileiro de transplantes**. São Paulo: ABTO. 2022. Disponível em: <https://site.abto.org.br/wp-content/uploads/2022/11/rbt-naoassociado.pdf>

ATALIBA, P; MOURÃO, L. Avaliação de impacto do Programa Saúde nas Escolas. **Psicol. Esc. Educ.** v. 22, n. 1, p. 27-36, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1590/2175-35392018011566>

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. 70ª ed. São Paulo: Edições 70, 2016.
BARROS, D. Importância do corpo para família enlutada: crenças, rituais e sentimentos que podem interferir na doação de órgãos. **JBT: j. bras. transpl.** v. 23, n. 4, p. 25-30, 2020. DOI: <https://doi.org/10.53855/bjt.v23i4.39>

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC / SEF, 1998. 138 p. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/ciencias.pdf>

CORSI, C. A. C; ALMEIDA, E. C; SANTOS, M. J; BUENO, S. M. V; SANTOS, M. A. Mapeamento das estratégias educativas para estudantes do ensino básico quanto ao processo de doação e transplante de órgãos e tecidos humanos: revisão integrativa. **Arq. Ciênc. Saúde. UNIPAR.** v. 24, n. 3, p. 169-177, 2020. DOI: <https://doi.org/10.25110/arqsaude.v24i3.2020.7426>

FERREIRA, D. R; HIGARASHI, I. H. Representações sociais sobre doação de órgãos e tecidos para transplantes entre adolescentes escolares. **Saúde Soc.** v. 30, n. 4, p. 1-12, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-12902021201049>

GOMES, N. N; SILVA, J. G. da; QUEIROZ, A. B. A; FERREIRA, M. de A; APOSTOLIDIS, T; SILVA, R. C. da. Imagens e representações sociais: a fotolinguagem e photovoice na produção de dados sobre fenômenos de saúde. **Esc Anna Nery.** v. 26, n. e20210291, p. 1-8, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1590/2177-9465-EAN-2021-0291>

KNIHS, N. da S; MAGALHÃES, A. L. P; SANTOS, J; WOLTER, I. dos S; PAIM, S. M. S. Doação de órgãos e tecidos: utilização de ferramenta de qualidade para otimização do processo. **Esc. Anna Nery.** v. 23, n. 4, p. 1-7, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1590/2177-9465-EAN-2019-0084>

LIRA, G. G; BRITO, A. C; SILVA, E. F. S; TORRES, F. O; SANTOS, M. P; SANTOS, M. S; FILGUEIRA, P. T; MOLA, R. Responsabilidade social: educação como instrumento promotor da doação de órgãos. **Ciênc Ext.** v. 14, n. 2, p. 114-122, 2018.

MEIRINHO, D. **Olhares em foco: fotografia participativa e empoderamento juvenil**. 1ª ed. Covilhã: Labcom, 2016.

MONTEIRO, A. M. de C; FERNANDES, E. C; ARAÚJO, E. C. de; CAVALCANTI, A. M. T. de S; VASCONCELOS, M. G. de L. Doação de órgãos: compreensão na perspectiva de adolescentes. **Rev Bras Saúde Matern Infant.** v. 11, n. 4, p. 389-396, 2011.

NOGUEIRA, M. A; MACIEL, D. O; DIAS, J. A. B; MARTINS, T. D. R; LINS, M. A; BERNARDES, K. C; NERES, M. R. M; SÁ, A. M. M. Conhecimento e posicionamento de adolescentes sobre doação de órgãos antes e após uma ação educativa. **Rev. Enferm. Atenção à Saúde.** v. 5, n. 2, p. 57-72, 2016. DOI: <http://dx.doi.org/10.18554/reas.v5i2.1560>

OLIVEIRA, R. S. de; MORAES, S. H; PORTUGAL, M. E. G; SILVA, F. B. Atuação do enfermeiro nas escolas: desafios e perspectivas. **Rev. Gestão e Saúde.** v. 18, n. 2, p. 10-22, 2018.

PEREIRA, K. G. B; SOUZA, V. S; SPIGOLON, D. N; TESTON, E. F; OLIVEIRA, J. L. C; MOREIRA, F. G. Doação de órgãos em serviço hospitalar: principais motivos à negativa na autorização. **Rev. Enferm. UFSM.** v. 10, n. e4, p. 1-14, 2020. DOI: <https://doi.org/0.5902/2179769236087>

SANTOS, J. I. R. dos; SANTOS, A. D. B. dos; LIRA, G. G; MOURA, L. T. R. de. Percepção de familiares sobre a doação de órgãos e tecidos. **Rev. Enferm. UFPE online.** v. 13, n. 3, p. 578-586, 2019. DOI: <https://doi.org/10.5205/1981-8963-v13i3a236473p578-586-2019>